

# Oficinas de Literatura Infantil: modos de escutar a dor

coordenador: Sandra Djambolakdjian Torossian

autor: Sofia de Souza Lima Safi

co-autores: Carolina Pereira, Elisa Zampieri, Gabriela Hall, Helena Kessler, Julianna Coutinho e Rita Barboza

- Projeto de pesquisa e extensão *Oficinas de literatura infantil: modos de escutar a dor*, realizado através do departamento de Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
- O trabalho iniciou-se em 2010, através da parceria firmada com a Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC). É através de programas da FASC que as oficinas ocorrem, pois as crianças que participam das oficinas são aquelas cujas famílias são acompanhadas pela Fundação.
- Objetivo principal: promoção de oficinas de literatura e contação de histórias como dispositivo clínico para o trabalho com crianças em situação de vulnerabilidade social e analisar como o trabalho com essas crianças afeta os encontros e desencontros dos profissionais da área.
- No período de cerca de uma hora, semanal ou quinzenalmente, desenvolve-se um momento de narração de uma história e outro de atividade lúdica, tal como produção de desenhos e pinturas, performances teatrais, brincadeiras, etc. Esses dois momentos podem acontecer concomitantes, de maneira que a oficina seja construída por todos, possibilitando o protagonismo das crianças.
- No período de cerca de uma hora, semanal ou quinzenalmente, desenvolve-se um momento de narração de uma história e outro de atividade lúdica, tal como produção de desenhos e pinturas, performances teatrais, brincadeiras, etc. Esses dois momentos podem acontecer concomitantes, de maneira que a oficina seja construída por todos, possibilitando o protagonismo das crianças.
- As crianças que frequentam esses espaços têm idades entre seis e doze anos. As oficinas são organizadas e coordenadas conjuntamente por estudantes extensionistas e profissionais do serviço. Além dessas atividades, buscamos a articulação com as equipes locais através da participação em reuniões e mantendo um diálogo aberto sobre as questões que atravessam as práticas.
- O que vem sendo visto: apropriação das crianças da dinâmica das oficinas, por exemplo, quando elas mesmas definem o final e o desenrolar da história que começamos a contar e sugerem outras possibilidades de narrativa a isso que lhes é oferecido. Da mesma forma, percebemos que o envolvimento dos profissionais dos locais com a oficina tem disparado efeitos de estranhamento e problematização das formas de cuidado e educação, o que consideramos saudável enquanto produção de subjetividade no trabalho, evitando a cristalização do saber/fazer.